

## O Suicídio na Europa da Época Moderna. Perspetivas Cruzadas

Cristiano Batista

up201504816@letras.up.pt

### Resumo

O suicídio, enquanto ato que intencionalmente causa a própria morte, é uma temática que pode ser abordada a partir de diferentes perspetivas, desde a Psicologia à Sociologia, à Teologia, entre outras. No período moderno, o suicídio era já um assunto controverso para a sociedade e para a religião, por esta considerar o suicídio uma ofensa contra Deus (um pecado). Essa era a perspetiva dominante. Para confirmar ou refutar esta hipótese, procedeu-se à leitura e análise do *Biathanatos*, de Donne, o *Ensaio Filosófico sobre o Suicídio*, de Hume e o romance *Werther*, de Goethe, em busca dos vários argumentos utilizados para condenar ou legitimar o suicídio. A análise das fontes validou também a hipótese, que ao longo da época moderna, a insanidade substitui o pecado, e isto é consubstanciado no modo como a sociedade considera os suicidas.

**Palavras-chave:** Suicídio, morte, Psicologia, Sociologia, Teologia e Literatura.

### Abstract

Suicide, as the act of intentionally causing one's own death, it's a theme that can be approached from multiple perspectives, from the Psychology to Sociology, to Theology, among others. In the Early Modern Era, suicide was already a controversial issue for the society, but also for religion, because this one traditionally considers suicide as an offense towards God (a sin), being the theological the mainstream perspective. To confirm (or not) this hypothesis, this paper analyzes *Biathanatos* of Donne, the *Essays on Suicide* of Hume and *Werther* of Goethe in search for arguments that condemn or support suicide. The analysis validates the hypothesis that insanity replaces sin in the way early modern societal outlook towards suicides.

**Keywords:** Suicide, death, Psychology, Sociology, Theology, Literature.

“A morte não nos diz respeito; pois, enquanto existimos, a morte ainda cá não está, e quando a morte chega, nós já não existimos”<sup>1</sup> – Epicuro.

## Introdução

Apesar de este trabalho apresentar um tema por muitos considerado obscuro, o suicídio deve ser discutido academicamente. O suicídio, em grande medida por ser considerado socialmente um tabu, implica que haja poucos momentos e espaços historiográficos onde ele seja debatido. Tal só acontece quando existe o chamado “pânico moral” por parte da sociedade, em resposta a casos concretos de suicídio ou à sua tentativa. Um desses momentos ocorreu em 2017, aquando da divulgação do jogo *online* “baleia azul”, um desafio com 50 etapas<sup>2</sup>, na qual a última é o suicídio. A partir da discussão social que se seguiu, surgiu a ideia de estudar esta temática.

O mesmo ocorreu aquando dos debates do Parlamento português sobre a eutanásia, em 2018. Em simultâneo, foi notícia a atitude de um cientista, com 104 anos, que veio de Perth, Austrália, para praticar eutanásia na Suíça. David Goodall entendia que a sua vida já não merecia ser vivida e que “*obrigar alguém a permanecer vivo é cruel*”<sup>3</sup>.

Escolhido o tema, importava identificar algumas perguntas iniciais para despoletar a investigação. No início, pretendia-se descobrir qual seria, na Europa moderna, o perfil e o número dos suicidas, quais os métodos e as formas mais utilizados para o concretizar, qual seria a atitude das Igrejas e das autoridades perante o suicídio e se seria Portugal similar ou diferente dos outros países europeus nesta questão. Em grande medida devido à falta de documentação que respondesse a estas questões, outras foram surgindo, associadas a uma visão mais intelectual e literária na abordagem do tema.

Mas começemos pelo início e pela apresentação de uma definição de suicídio. Esta é simples e clara: um suicida é todo o indivíduo que se mata intencionalmente. Esta definição, aparentemente óbvia, suscita, porém, muitas dúvidas, nomeadamente no caso de doentes que recusam ou abandonam os tratamentos, e doentes em estado terminal

---

<sup>1</sup> HALÍK, Thomás; GRÜN, Anselm – *O Abandono de Deus: Quando a crença e a descrença se abraçam*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.p.86

<sup>2</sup> DN [Em linha]. 28 Abril 2017. [Consult. 10 Out. 2017]. Disponível em WWW: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/baleia-azul-em-portugal-dois-jovens-internados>.

<sup>3</sup> OBSERVADOR. [Em linha]. 10 Maio 2018. [Consult. 14 Maio 2018]. Disponível em WWW: <https://observador.pt/2018/05/10/cientista-de-104-anos-viajou-para-a-suica-para-se-submeter-a-eutanasia-obrigar-alguem-a-permanecer-vivo-e-cruel/>.

que suplicam por uma injeção letal. Nestes casos a dúvida instala-se!<sup>4</sup>. O que é então suicídio?

Na Idade média e moderna, o suicídio era condenado e considerado um pecado mortal. Passa-se, então, de um problema individual a um problema social; de um atentado a Deus a um crime social; de uma ação pecaminosa a um ato corajoso; de um ato consciente a um desvio psíquico, de um ato de reprovação a um ato de interrogação. Estas são várias possibilidades de leitura quando questionamos a evolução histórica das atitudes, individuais e sociais, face a este fenómeno.

O estudo da mentalidade e pensamento da época moderna aproximou-nos da resposta a muitas das questões iniciais, mas algumas perguntas ficaram sem resposta, o que neste caso é positivo, pois é indicador da dúvida e do debate que elas geraram e ainda geram. Essas dúvidas permitem refletir sobre a atualidade, mas também sobre o período histórico das fontes a ser analisadas. O suicídio é um ato de loucura ou não? E é o suicídio um ato de coragem ou não?

E o que é um ato de coragem? *“um acto de coragem é aquelle em que nos sacrificamos ao cumprimento d'uma lei, qualquer que seja a sua natureza; pelo contrario, um acto de fraqueza é aquelle em que sacrificamos uma lei ao nosso interesse pessoal. Partindo d'este principio, vamos demonstrar que o suicidio, que, considerado em si mesmo, denota algumas vezes grande firmeza de character, é, sob o ponto de vista das causas que o determinaram e das leis moraes por elle violadas, um acto de fraqueza.”*<sup>5</sup>. *“Ambiciosos, que a intriga elevou ás dignidades publicas, á fortuna, á consideração e até á gloria (...) matam-se. Insensatos, que se apaixonam subitamente por mulheres d'uma virtude incerta (...) matam-se. Jogadores que perderam em algumas horas o que seus pães ganharam á custa de tantos trabalhos (...) matam-se. Outros, desgostosos de tudo, bastante preguiçosos para empregar, mesmo em artes recreativas, as doze horas do dia, perseguidos pelo terrível «taedium vitae», matam-se por distracção. Onde está a virtude, a grandeza d'alma, a coragem moral d'estes infelizes?”*<sup>6</sup>. *“Se compararmos os suicídios actuaes com este procedimento de Job, não encontraremos um único signal de coragem, de grandeza d'alma. O suicidio é o acto d'um jogador que perdeu tudo, ou d'um pródigo arruinado, e não é senão uma*

<sup>4</sup> CAEIRO, Vânia Sofia Rosa - *Sui caedes: morte voluntária*. Porto: Edição do Autor, 2010.p.13

<sup>5</sup> VIEGAS, José Ferreira - *O suicídio livre em face da religião, da moral e da sociedade*. Porto: [s.n.], 1901. Dissertação apresentada à Escola Médico Cirurgica do Porto.p.56.

<sup>6</sup> IDEM, *ibidem*, p.59.

*falta de coragem, em lugar de ser uma prova d'ella”<sup>7</sup>.*

O anterior excerto denota a clássica posição moralista em relação ao suicídio, aquela que o condena veemente, e fá-lo do ponto de vista dominante em sociedades europeias de Antigo Regime: o do pecado. Digo dominante por esse não ser o único, até porque o suicídio também é condenado pela sua alegada ligação à insanidade. Mas será mesmo o suicídio uma loucura, ou será Job louco? Assim, ficará sempre a dúvida: será louco aquele que se mata ou aquele que continua a viver?

Neste quadro de reflexão complexa, o que mais importa é aquilo que disse o filósofo francês Albert Camus, no seu livro *Le mythe de Sisyphe*: “só há um problema filosófico verdadeiramente sério e é o suicídio”<sup>8</sup>. A vida é absurda nas suas tarefas, como exemplifica o Mito de Sísifo. “Os deuses condenaram Sísifo a empurrar sem cessar uma pedra até ao cume de uma montanha, de onde a pedra rolaria por sua própria vontade. Os deuses tinham pensado, por alguma razão, que não havia punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança”<sup>9</sup>. Será este o pensamento de um para-suicida ou suicida?

Na historiografia, nomeadamente francesa, da Escola dos Annales, acerca da morte, verifica-se uma grande ausência: a morte voluntária. Esta, de facto, quase nunca aparece ao longo das obras que abordam a morte no Antigo Regime<sup>10</sup>, como ocorre com Michel Vovelle, Pierre Chaunu, Philippe Áries, ou, em outras escolas historiográficas, com John MacManners. Tal lacuna resulta, em parte, do universo documental com que trabalham, pois as fontes que dizem respeito às mortes voluntárias são diferentes daquelas que registam as mortes naturais, dado que os suicidas não tinham direito ao enterramento religioso, por a morte voluntária ser considerada como um crime<sup>11</sup>. Mas isso não quer dizer que não existam estudos sobre o suicídio na época moderna para vários países da Europa<sup>12</sup>, assim como obras de síntese da história do suicídio, que abordam o tema desde a Antiguidade até ao século XX, sendo *Le suicide et la morale*

---

<sup>7</sup> IDEM, *ibidem*, pp.61-62.

<sup>8</sup> CAMUS, Albert - *Le mythe de Sisyphe*. Nouv. ed. augm. d'une étude sur Franz Kafka. Paris: Gallimard, [imp. 1957]. p. 15.

<sup>9</sup> IDEM, *ibidem*, p.163.

<sup>10</sup> Veja-se como exemplo Michel Vovelle - *La Mort et L'Occident de 1300 à nos jours*. Paris, 1983. / Pierre Chaunu - *La Mort à Paris (XVI-XVIII siècles)*. Paris, 1977. / Philippe Áries - *L'Homme devant la mort*. Paris, 1977. / John MacManners - *Death and the Enlightenment*. Oxford, 1981.

<sup>11</sup> MINOIS, Georges - *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. p. 7.

<sup>12</sup> Sobre este assunto vd. HOUSTON, R. A - *Punishing the Dead? Suicide, Lordship and Community in Britain, 1500-1830*. Oxford: Oxford University Press, 2010. (...) WATT, Jeffrey R. - *Choosing Death: Suicide and Calvinism in Early Modern Geneva*. Kirksville: Truman State University Press, 2001.

(1922) de Albert Bayet disso um exemplo.

## 1. Abordagens do suicídio

### 1.1. Abordagem sociológica do suicídio

Para além da historiografia do suicídio existem muitas outras abordagens, a começar pela da Sociologia.

*O Suicídio* de Émile Durkheim, publicado em 1897, é um exemplo de uma monografia sociológica lida com esta matéria. Nela, o autor distingue três tipos de suicídio: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta e o suicídio anómico<sup>13</sup>. Existe também o oposto do anómico, o suicídio fatalista.

Uma individualização excessiva conduz ao suicídio, uma insuficiente individualização produz os mesmos efeitos. Quando um Homem está afastado da sociedade ele facilmente se mata, mas também o faz quando está demasiadamente integrado<sup>14</sup>. Mas a sociedade também é um poder que regula. E entre essa ação reguladora e a taxa de suicídio existe igualmente uma relação<sup>15</sup>.

Durkheim foi o primeiro autor a destacar a discrepância das taxas de suicídio entre protestantes e católicos, sendo estas mais elevadas no primeiro universo, no seu entendimento, devido a um maior individualismo e menor integração. Os vários autores que se seguiram aos trabalhos de Durkheim e que investigaram a influência da religiosidade nos comportamentos suicidas favorecem a ideia de que níveis elevados de religiosidade estão associados a uma diminuição do risco de suicídio, ainda que por vezes os estudos nesta área sejam contraditórios<sup>16</sup>.

Durkheim, em 1897, inicia todo um estudo sociológico que distingue o fenómeno suicida de acordo com vários critérios, tais como as classes etárias e os estados civis, entre outros, que serão posteriormente alvo de inúmeras análises por parte de outros. Entre esses podemos incluir o estudo sobre o suicídio em Portugal durante o século XX<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> DURKHEIM, Émile - *Le suicide: étude de sociologie*. Paris: Presses Universitaires, 1979. (Bibliothèque de philosophie contemporaine). ISBN 2-13-036170-6. p.261.

<sup>14</sup> IDEM, ibidem, p.233.

<sup>15</sup> IDEM, ibidem, p.261.

<sup>16</sup> FERREIRA, Susana Gaudêncio - *Razões para viver em diferentes grupos etários: relações com a espiritualidade, religiosidade, perdão e bem-estar subjetivo*. Porto: [Edição do Autor], 2013. p.17.

<sup>17</sup> FREITAS, Eduardo de - *O suicídio em Portugal no século XX: elementos empíricos para uma pesquisa*. Finisterra, XVII. 34, Lisboa, (1982), p.267-300.

Maurice Halbwachs diz que é desnecessário acreditar que há duas categorias de suicídio, uma dependendo do indivíduo e outra de determinismo social. Todo o suicídio pode ser encarado segundo dois pontos de vista. Este sociólogo continua o trabalho do seu mentor, apesar de criticar Durkheim, por este não ter reconhecido o fator da marginalização e isolamento social, mesmo nas situações patológicas<sup>18</sup>.

Pode afirmar-se que, em geral, as causas da morte estão situadas mais fora do que dentro do indivíduo<sup>19</sup>.

## 1.2. Abordagem psicológica do suicídio

Quando lidamos com a psicologia do suicídio, torna-se inevitável a referência ao livro sobre a loucura no Antigo Regime de Michel Foucault. Foucault, em *Histoire de la folie a l'âge classique* subscreve que o suicídio esteve durante muito tempo no âmbito do crime e do sacrilégio. E o sacrilégio do suicídio encontra-se articulado com a loucura<sup>20</sup>.

O psicólogo Carlos Braz Saraiva diz que, para a Sociologia, a prevenção do suicídio significa reforço grupal, mas para a Psiquiatria ela passa pela preocupação pelo sofrimento do indivíduo<sup>21</sup>. Em questão está a saber se a “culpa” é da sociedade ou do indivíduo.

Os investigadores Chiles e Strosahl procuram sintetizar as características da personalidade dos suicidas, em sete *items*, tidos como possíveis alavancas do suicídio<sup>22</sup>:

- Aspectos cognitivos (pensamento dicotómico, rigidez, desesperança).
- Resolução de problemas (suicídio como uma estratégia de resolução de problemas por défice de outro tipo de estratégias).
- Regulação dos afetos (cólera, culpa, depressão).
- Tolerância e afetos (baixa tolerância à frustração).
- Dinâmica interpessoal (baixo auto-conceito, fobia social grave, isolamento).
- Auto-controlo (comportamentos aditivos, resistência à mudança).
- Variáveis ambientais (experiências de vida, como o desemprego e o divórcio).

---

<sup>18</sup> MARTINS, Manuela Fazenda - *A tentativa de suicídio adolescente: da clínica às ciências sociais e humanas*. Porto: Afrontamento, 1990. (Biblioteca das Ciências do Homem). ISBN 972-36-0237-7. p.30.

<sup>19</sup> MACHADO, António Ferreira - *Suicídios e suas tentativas no Pôrto: estatística (1900-1915)*. Porto: [s.n.], 1919. Tese inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto.p.31.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel - *Histoire de la folie a l'âge classique*. Paris: Gallimard, imp. 1987. pp.107-109.

<sup>21</sup> SARAIVA, Carlos Braz – *Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes*. Coimbra: Quarteto, 1999. (Teses). ISBN 972-8535-00-7. p. 163.

<sup>22</sup> IDEM, ibidem, pp.140-141.

Torna-se curioso notar, porém, que, enquanto a depressão se agrava sobretudo durante a noite, a maioria dos suicídios acontece durante o dia<sup>23</sup>.

Uma tese de Medicina de 1881 distingue duas categorias de suicídio: os indivíduos em estado de razão invocam para se suicidar motivos que são fornecidos pelas paixões, desejos e desgostos. Nos alienados, pelo contrário, a tendência suicida é ocasionada pelas alucinações, ilusões e concepções delirantes, por um verdadeiro estado patológico. Assim, nuns conserva-se o livre arbítrio, enquanto nos outros este não existe, ou pelo menos está profundamente lesado<sup>24</sup>.

Phillips, em 1974, chamou ao suicídio por imitação o «efeito de Werther», referindo-se ao romance de Goethe, que acaba com o suicídio do seu protagonista, e que provocou uma onda de suicídios por imitação após a sua primeira publicação, em 1774<sup>25</sup>.

### 1.3. Abordagem filosófica do suicídio

São vastas as correntes filosóficas que lidam com o suicídio. Podemos referir, como centrais, em primeiro lugar, o Estoicismo. A partir de Zenão (400 a.C.) o suicídio passa a ser compreendido e tolerado principalmente em três circunstâncias: sacrifício pela pátria, fuga a ato imoral ou ilegal, coercivamente imposto, e doença crónica ou mental<sup>26</sup>.

Num contexto Iluminista, Diderot, no artigo *Suicídio* da *Enciclopédia* alinha com os argumentos, éticos e teológicos, tradicionais. Mas para este filósofo, o suicídio deveria ser primeiramente condenado por razões associadas às leis da Natureza, e só depois por constituir uma ofensa à lei de Deus. Diderot também procura refutar os argumentos de Donne, não deixando qualquer dúvida de que o suicídio apresenta um carácter criminal<sup>27</sup>.

Voltaire, apesar de estabelecer ligação entre suicídio e insanidade, sustenta que o suicídio nem sempre ocorre devido à loucura. Assim, um Homem sábio poderia seguir

---

<sup>23</sup> *O gesto suicida na Área Metropolitana do Porto: um estado de "alma" e de "tempo"*. [S.n.: s.l.], 1999.p.58

<sup>24</sup> VALLE, José Machado do - *O suicídio*. Porto: Typographia Occidental, 1881. Dissertação inaugural apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto. p.15.

<sup>25</sup> D. PHILLIPS citado por ALMEIDA, Ana Filipa – Efeito de Werther. *Análise Psicológica*. 1 (XVIII) (2000). p. 37.

<sup>26</sup> SARAIVA, Carlos Braz – *Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes*. Coimbra: Quarteto, 1999. (Teses). ISBN 972-8535-00-7. p.20.

<sup>27</sup> BÄHR, Andreas – Between “Self-Murder” and “Suicide”: The Modern Etymology of Self-Killing. *Journal of Social History*. vol. 49 n° 3 (2013), p. 625.

por esse caminho, mas, em geral, as pessoas não se matam quando estão no total domínio da sua razão<sup>28</sup>.

Falando do suicídio, autores como Hume, Montesquieu e d’Holbach não fazem a associação deste a qualquer atitude patológica, mas, pelo contrário, tentam justificá-lo moralmente. Questionando a tradição, estes afirmam o direito à morte voluntária naqueles casos onde a vida se torna insuportável ou um fardo para a sociedade<sup>29</sup>. David Hume defende o direito ao suicídio, designadamente em casos de dor, doença, vergonha e miséria.

Nos primórdios do século XIX, Schopenhauer, um pessimista influenciado pelas correntes orientais, diz que o suicídio seria um erro ou ato de loucura, mas nem pecado nem libertação. O filósofo critica a posição da Igreja<sup>30</sup>.

Já no século XX, afirma Camus, “*Se Deus não existe, eu sou Deus*”. E tornar-se Deus é ser livre. Então porquê matar-se e deixar o mundo, após ter conquistado a liberdade?<sup>31</sup>. Assim, para o absurdismo, nem o suicídio nem a religião são solução.

#### 1.4. Abordagem teológica do suicídio

Mas também a Teologia, as Teologias, tratam do suicídio. No Hinduísmo, nas escrituras dos Vedas, o suicídio é tolerado, podendo mesmo significar o mais nobre dos sacrifícios. No Budismo, a vida humana existe para ser sofrida, pelo que é difícil aceitar que alguém que pretendeu libertar-se a si próprio do sofrimento venha a reencarnar<sup>32</sup>.

Em nenhuma outra religião existe uma reprovação tão acentuada do suicídio como no Islamismo. Alá concedeu a vida, só Alá pode determinar a hora da morte. As taxas de suicídio nos países islâmicos são das mais baixas do mundo<sup>33</sup>. Apesar do enumerado por esta religião, restam questões em aberto relacionadas com os bombistas suicidas, que acreditam ser mártires em nome da Jihad, martírio esse que, sobre determinadas circunstâncias, é apoiado por alguns clérigos.

---

<sup>28</sup> WATT, Jeffrey R. - *Choosing Death: Suicide and Calvinism in Early Modern Geneva*. Kirksville: Truman State University Press, 2001. p.120.

<sup>29</sup> IDEM, ibidem, pp.626-627.

<sup>30</sup> SARAIVA, Carlos Braz – *Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes*. Coimbra: Quarteto, 1999. (Teses). ISBN 972-8535-00-7. p.21.

<sup>31</sup> CAMUS, Albert - *Le mythe de Sisyphe*. Nouv. ed. augm. d'une étude sur Franz Kafka. Paris: Gallimard, [imp. 1957]. p. 146.

<sup>32</sup> SARAIVA, Carlos Braz – *Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes*. Coimbra: Quarteto, 1999. (Teses). ISBN 972-8535-00-7. p.15.

<sup>33</sup> IDEM, ibidem, pp.16-17.

Quanto ao Judaísmo: mesmo não sendo permitido o suicídio, no Velho Testamento são descritos quatro casos: os de Sansão, Saúl, Abimeleque e Aitofel. Os judeus tiveram sempre o suicídio em grande abominação, como indica o historiador Flávio Joseph no discurso que dirigiu aos seus companheiros de armas que se queriam suicidar<sup>34</sup>.

Para o Cristianismo o suicídio será sempre uma vitória do Diabo<sup>35</sup>. Existem sobre esta matéria, obras chave: a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho é uma delas. Para este autor, no que se refere ao suicídio, não é não (não matarás, o 5º mandamento). Este define as regras restritas em relação ao suicídio, que influenciam a Teologia e a sociedade nos séculos seguintes (época medieval e moderna), ao afirmar “ *nós dizemos, declaramos e confirmamos de qualquer forma que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, porque são sobretudo os que pecaram que mais necessidade têm de vida para nela fazerem a sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, porque os que se mostram culpados da sua própria morte não terão acesso a essa vida melhor*”<sup>36</sup>.

A *Suma Teológica*, de S. Tomás de Aquino, na qual expressa a doutrina oficial da Igreja Católica, condena o suicídio por três razões: por ser contranatura, por ser anti-social e por desafiar uma dádiva de Deus<sup>37</sup>.

A Reforma Protestante trouxe pouca mudança. Calvino chamava o suicídio de “monstruoso” e considerava aqueles que o faziam, para escapar ao sofrimento, como ímpios cobardes<sup>38</sup>. Lutero também condena o suicídio, associando-o a influências diabólicas<sup>39</sup>.

A Casuística (associada à Escola de Salamanca, a Francisco de Vitoria e Domingo de Soto, referidos na obra de Donne), é abordagem que deve muito aos Jesuítas. Os casuístas discutem o suicídio, em particular nos casos onde há um conflito de valores,

---

<sup>34</sup>VIEGAS, José Ferreira - *O suicídio livre em face da religião, da moral e da sociedade*. Porto: [s.n.], 1901. Dissertação apresentada à Escola Médico Cirúrgica do Porto. pp.35-36.

<sup>35</sup> SCHMITT citado por PARAVICINI, Werner – *Un Suicide à la cour de Bourgogne*: Roland Pippe. *Revue du Nord*. n.º 380 (2009). p. 407.

<sup>36</sup> Santo Agostinho citado por MINOIS, Georges - *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. p.39.

<sup>37</sup>SARAIVA, Carlos Braz – *Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes*. Coimbra: Quarteto, 1999. (Teses). ISBN 972-8535-00-7. p.19.

<sup>38</sup> HUNTER, Elisabeth K. – *Between the bridge and the brook: suicide and salvation in England, c. 1550-1650*. *Reformation & Renaissance Review*. 15: 3 (2003), p. 241.

<sup>39</sup> IDEM, *ibidem*, p.249.

passando em revista todas as situações, para fecharem todas as portas. No entanto, esta possui um grande mérito: substitui as condenações globais pelo estudo de casos particulares<sup>40</sup>.

Por fim, refiramos, para o Cristianismo, os *Códigos Canónicos de 1917*<sup>41</sup> e 1983. O primeiro, no seu cânon 1240, ainda proíbe o enterramento aos suicidas, “*As pessoas seguintes devem ser privadas de sepultura eclesiástica, a não ser que antes da morte deem sinais de arrependimento*”. No ponto 3 desse mesmo cânone refere os “suicidas”, enquanto o último código, que agora apresenta a mesma disposição legal no cânone 1184, já não o faz. Mas na época moderna, o suicídio leva à excomunhão e, como consequência, ao enterramento fora do solo sagrado<sup>42</sup>.

As doutrinas da Igreja proíbem o suicídio e logo a sua influência começa a sentir-se e torna a Idade Média escassa em tendências suicidas. Mas com o decorrer do tempo, as ideias vão mudando, as crenças religiosas perdendo algum terreno, e desde 1400 a 1700 os suicídios sofrem largo incremento<sup>43</sup>.

## 2. Contexto histórico

Em termos de contexto histórico, e no século XVII, Shakespeare, com *Hamlet* e o “*Ser ou não ser – eis a questão*”, ao promover o debate sobre se Ofélia deve ou não ter enterramento cristão<sup>44</sup>, contribui para relançar a discussão, que é aprofundada pelo *Biathanatos* de John Donne<sup>45</sup>, um tratado redigido por volta de 1608, que é o primeiro inteiramente consagrado ao suicídio. O debate sobre o suicídio não acontece só no teatro ou em tratados, mas também no romance. O século XVII é também a época em que se evidencia uma resposta sistemática das autoridades, civis e religiosas, no sentido da

---

<sup>40</sup> MINOIS, Georges - *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. p.151-155.

<sup>41</sup> NOTA: A presença de dois códigos canónicos referentes ao ano de 1917 (em latim e inglês) acontece devido a ser o latim a língua original deste código e a língua erudita da época moderna. O uso do código em inglês acontece por limitação da parte do autor deste trabalho na compreensão do primeiro idioma referido. Veja-se assim os 3 códigos canónicos presentes em fontes Impressas.

<sup>42</sup>SCHRAGE, Eltjo – Suicide in Canon Law. *The Journal of Legal History*. vol. 21 n°1 (2000), p. 61.

<sup>43</sup> MACHADO, António Ferreira - *Suicídios e suas tentativas no Pôrto: estatística (1900-1915)*. Porto: [s.n.], 1919. Tese inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto.p.38.

<sup>44</sup>CLARE, Jane – Buried in Open Fields: Early Modern Suicide and the case of Ofelia. *Journal of Early Modern Studies*. n°2 (2013), p. 247.

<sup>45</sup> DONNE, John. - *Biathanatos: A Modern-Spelling Edition, With Introduction and Commentary*. ed. Rudick, Michael and M. Pabst Battin. New York and London: Garland Publishing, 1982. [inclui texto original de: DONNE, John. *Biathanatos*. 1608]. Impresso originalmente em 1647 – obra póstuma publicada pelo seu filho.

repressão do suicídio<sup>46</sup>. Preocupados com a filosofia estoica, e com medo de que essas ideias conduzissem a mais incidentes, o clero condenou, com uma linguagem forte, o suicídio, dizendo que a saída fácil apenas levaria a um pior sofrimento no Inferno<sup>47</sup>.

Na Idade Média aparecem, no Direito, os processos levantados em casos de suicídio, uma prática que prossegue até ao século XVIII. Apesar disso, nem todos os suicídios eram tratados judicialmente, por certos casos serem dissimulados como mortes naturais, estes quase sempre ligados à nobreza e ao clero, que assim e desta forma escapavam à repressão<sup>48</sup>. Como mostram os processos do King's Bench, entre 1530 e 1680, as leis contra o suicídio foram de facto rigorosamente aplicadas, e isto indica um duplo testemunho: o de que ele constituía um horror para o povo e que existia vigilância da parte dos oficiais régios<sup>49</sup>.

*Biathanatos* não conhecerá grande sucesso, mas Donne deu um grande passo ao colocar-se para lá daquilo que a sua época poderia entender. Em Inglaterra, após a Restauração (em 1660), muitos leigos educados começaram a sentir que os argumentos filosóficos e médicos condenando o suicídio eram mais convincentes que os religiosos. Assim, um renovado interesse em *Biathanatos* gerou a sua condenação, em 1674, e elogios, em 1680, por isso, uma nova edição apareceu em 1700<sup>50</sup>.

No Século XVIII existe um debate sobre o suicídio no contexto das “Luzes”, com inúmeros filósofos a escreverem sobre o tema, em que se incluem Kant, Hume, Montesquieu, d’Holbach, Rousseau, Diderot, ou Jean Dumas com o *Traité du suicide ou du meurtre volontaire de soi-même*, publicado em Amsterdão, em 1773. A filosofia iluminista e a secularização das elites europeias levaram os escritores da época a considerar o suicídio como consequência de uma doença mental ou de uma escolha racional<sup>51</sup>, verificando-se assim a progressiva passagem do suicídio do campo da moral para o da medicina.

---

<sup>46</sup>MINOIS, Georges - *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. p.130.

<sup>47</sup>HUNTER, Elisabeth K. – Between the bridge and the brook: suicide and salvation in England, c. 1550-1650. *Reformation & Renaissance Review*. 15: 3 (2003), p. 253.

<sup>48</sup>ORTOLANI, Marc – Les procès à cadavre des suicidés à la fin de l’Ancien Régime. Deux exemples provinciaux. *Historia et ius: rivista di storia giuridica dell’età medievale e moderna* 10 (2016), paper 10: p.2.

<sup>49</sup>MacDONALD, Michael - The Secularization of Suicide in England, 1660-1800. *Past & Present* 111 (1986): p.73.

<sup>50</sup>MacDONALD, Michael - The Secularization of Suicide in England, 1660-1800. *Past & Present* 111 (1986): p.81.

<sup>51</sup>HOUSTON, R. A. - *Punishing the Dead? Suicide, Lordship and Community in Britain, 1500-1830*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p.12.

As penas infligidas contra os cadáveres, mais até que os catecismos, mostram ao público como o suicídio é um crime. Os filósofos atacam vigorosamente o direito da sua época. Disso temos o exemplo do Barão d’Holbach a apelidar de inconsequentes as leis contra o suicídio<sup>52</sup>. Mas o decréscimo das penas judiciais não pode ser atribuído aos escritores do Iluminismo<sup>53</sup>.

Num ponto todos estes pensadores concordavam: os Ingleses tinham uma particular predileção para o suicídio. Assim, no século XVIII, o suicídio era também conhecido como a “doença inglesa”<sup>54</sup>.

O ensaio *O Suicídio* de David Hume<sup>55</sup> é a contribuição mais destacada da literatura filosófica favorável ao suicídio. Mas Hume recua no momento da sua publicação, talvez por correr o risco de ser posto à margem pelas autoridades, e por uma boa parte da sociedade. A imprensa literária acolhe o livro com uma violenta hostilidade, qualifica mesmo o ensaio de “pequeno manual de infidelidade”. Havia um alarme geral, ligado à ideia de que o suicídio era mais frequente em Inglaterra do que em outras paragens. Por isso, muito poucas pessoas advogavam abertamente a liberalização da lei contra o suicídio<sup>56</sup>. Virtualmente, todos os intelectuais dos séculos XVI e XVII viam o suicídio como abominável. Pelo contrário, já no século XVIII muitos, durante o Iluminismo, como Montesquieu, Voltaire e Hume, defenderam a morte voluntária em determinadas circunstâncias<sup>57</sup>.

Invocações ao Diabo, para entender o suicídio, eram mais raras na Escócia, por este ser considerado, para todos os efeitos, um país mais secular do que a Inglaterra. Mas apesar de tudo isto, e do famoso ensaio de Hume sobre o suicídio, ambos os países continuaram incrivelmente hostis a este fenómeno até à era Vitoriana<sup>58</sup>.

---

<sup>52</sup> BAYET, Albert - *Le suicide et la morale*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922. (Bibliothèque de philosophie contemporaine) p.660.

<sup>53</sup> WATT, Jeffrey R., ed. - *From Sin to Insanity: suicide in Early Modern Europe*. Ithaca: Cornell University Press, 2004. p.5.

<sup>54</sup> WATT, Jeffrey R. - *Choosing Death: Suicide and Calvinism in Early Modern Geneva*. Kirksville: Truman State University Press, 2001. p.120. p.117.

<sup>55</sup> HUME, David - *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. trad. Daniel Swoboda Murialdo, Davi de Souza, Jaimir Conte. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção filosofia). 84 p. ISBN 85-7429-558-2. [Publicação original de: HUME, David - *Essays on suicide, and the immortality of the soul*. published at London first in 1777 as 'Two essays'.] publicado postumamente em 1776.

<sup>56</sup> MacDONALD, Michael - The Secularization of Suicide in England, 1660-1800. *Past & Present* 111 (1986): pp.83-84.

<sup>57</sup> WATT, Jeffrey R., ed. - *From Sin to Insanity: suicide in Early Modern Europe*. Ithaca: Cornell University Press, 2004. p.4.

<sup>58</sup> HOUSTON, R. A. - *Punishing the Dead? Suicide, Lordship and Community in Britain, 1500-1830*. Oxford: Oxford University Press, 2010. pp.6-7.

Pelo meio do século apareceram em certas partes da Europa programas de salvamento de suicidas, mas também entraram em moda a atribuição de prémios e as discussões mediáticas sobre o salvamento, que eram dirigidas particularmente às elites<sup>59</sup>. À medida que o século XVIII progredia, a sociedade ilustrada adotava uma atitude geralmente tolerante e mesmo sentimental em relação ao suicídio. Depois de 1745, a maioria dos comentários na *Gentleman's Magazine*, mostrava compaixão em relação às vítimas e às suas famílias. O suicídio do poeta Thomas Chatterton, em 1770, inspirou uma efusão de lamentações românticas<sup>60</sup>. Nos anos derradeiros do século XVIII os jornais reportavam mais os casos de suicídio feminino. Este era aparentemente mais digno de notícia, talvez por se pensar que esses casos eram os mais chocantes<sup>61</sup>.

No final do século XVIII, ganha fama o “suicídio romântico” com a personagem *Werther* de Goethe<sup>62</sup>. O impacto desta obra projeta-se por toda a Europa, e não apenas nos territórios germânicos, nos quais o romance foi produzido, visto que o seu impacto social vai muito além do que o espaço físico onde Goethe o escreveu. Por tal motivo, é necessário analisar a receção da obra nos diferentes espaços geográficos. No que diz respeito à “Alemanha”, a este se opunham os representantes da ortodoxia protestante, violentamente condenatórios. Já na França, os críticos denunciavam questões estéticas, e apenas por inícios do século XIX viriam a adotar uma perspetiva moralizante. Quanto à Espanha, a intervenção censória impediu simplesmente a publicação da tradução do romance até finais da segunda década de Oitocentos<sup>63</sup>. Em Portugal, a primeira geração romântica manifesta sérias reservas quanto ao desfecho de *Die Leiden des jungen Werthers*<sup>64</sup>.

---

<sup>59</sup> KÄSTNER, Alexander – Saving Self-Murderers: Lifesaving programs and the Treatment of Suicides in Late Eighteenth-Century Europe. *Journal of Social History*. vol. 46 n°3 (2013), p. 637.

<sup>60</sup> MacDONALD, Michael – The Secularization of Suicide in England, 1660-1800. *Past & Present* 111 (1986): p.82.

<sup>61</sup> HOUSTON, R. A. – Madness and gender in the long eighteenth century. *Social History*. 27: 3 (2002), p. 323.

<sup>62</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von – *Werther*. Trad. João Teodoro Monteiro. Lisboa: Abril Controljornal, 2000. (Biblioteca visão). ISBN 972-611-645-7. [Publicação original de: GOETHE, Johann Wolfgang von - *Die Leiden des jungen Werthers*.1774].

<sup>63</sup> TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar – *A recepção portuguesa de Die Leiden des jungen Werthers: (de 1784 até finais do primeiro romantismo)*. Coimbra: Minerva, 2009. ISBN 978-972-798-254-7. pp.41-42.

<sup>64</sup> IDEM, ibidem, p.32.

### 3. As Fontes

A leitura e análise da bibliografia que permitiu chegar a fontes, também permitiu a escolha deliberada de algumas destas, mas devemos afirmar que, tendo em conta a temática do trabalho, todas as fontes escolhidas são necessárias e pertinentes, mesmo aquelas que se referem a casos concretos de suicídios e a tentativas de suicídio contidos no Arquivo Nacional Torre do Tombo<sup>65</sup>, a que adiante nos referiremos. Estas, apesar de se reportarem ao início do século XIX, não deixam de ser a prova que o suicídio em Portugal, ainda nessa cronologia, era criminalizado e assim era mais que lógico que também o fosse no período precedente.

Por fim, importa referir que se torna difícil, se não impossível para o período moderno, fazer da demografia do suicídio na época moderna o ponto central deste trabalho de investigação, pelo que, ao invés, se optou por se desenvolver algo mais associado às mentalidades e ao pensamento da época.

#### 3.1. Crítica das Fontes

Como afirmámos atrás, este trabalho centra-se em três fontes, primordialmente: o *Biathanatos*, de Jonh Donne<sup>66</sup>; *Werther*, de Goethe<sup>67</sup>, e, de David Hume, *Essays on suicide, and the immortality of the soul*<sup>68</sup>.

Do ponto de vista dos produtores das três fontes que tomamos como primárias, importa sublinhar que Donne é um humanista, pregador e teólogo anglicano, recetivo a todas as correntes de opinião do seu tempo. Sendo um alto clérigo, responsável institucional, vai conferir ao seu tratado uma comprovada seriedade. Por esta razão, recusa absolutamente a sua publicação e apenas faz circular algumas cópias entre os amigos mais fiéis. Só em 1647, dezasseis anos após a sua morte, o livro será impresso. Tudo isto indica que tratar do tema suicídio nesta época envolvia uma grande complexidade, como mostra o seu subtítulo, à época provocador, “*O homicídio de si próprio não é tão naturalmente um pecado que não possa nunca ser entendido de outro modo*”. Esta dupla negação aponta para a dificuldade de explicitamente afirmar a legitimidade do tema a ser tratado, mas não deixa de enunciar, por outras palavras, que o suicídio pode ser, talvez, justificado. Por isso este tratado é relevante para o estudo da

---

<sup>65</sup> Veja-se os casos do século XIX que se encontram nas fontes manuscritas deste trabalho.

<sup>66</sup> DONNE, op.cit.

<sup>67</sup> GOETHE, op.cit.

<sup>68</sup> HUME, op.cit.

temática, visto ser o primeiro inteiramente consagrado a uma reabilitação do suicídio. O livro de John Donne divide-se em três partes ou questões: será o suicídio contrário à lei da Natureza, à lei da Razão, à lei de Deus?<sup>69</sup>. Donne refutava o discurso clerical, que presumia todos os casos de suicídio como sendo motivados por cobardia ou desespero<sup>70</sup>.

Tomemos de seguida uma outra fonte. Refiro-me ao ensaio de David Hume. As suas três partes são consagradas a demonstrar que o suicídio não contradiz os nossos deveres em relação a Deus, ao nosso semelhante e a nós mesmos. Assim, o suicídio não é uma ofensa a Deus, não é em nada prejudicial à sociedade, e não é uma ofensa em relação a si mesmo. Tal como Donne, um século e meio antes, também David Hume recua no momento da publicação, talvez por encontrar fraqueza e banalidade na maioria dos seus argumentos. Hume morre em 1776 e os seus dois ensaios aparecem publicados no ano seguinte, sempre sem a indicação do autor, que só aparecerá na edição de 1783<sup>71</sup>. Hume defendera solitariamente a legitimidade do suicídio, demonstrando que era um direito individual e assim opondo-se à sua condenação como crime contra o Estado ou contra Deus<sup>72</sup>.

Quanto a *Werther*, quando o publica, em 1774, Goethe tem vinte e cinco anos e sente-se marcado pelo suicídio de um jovem que conhecia bem, e que se matara por ter sido rejeitado numa relação amorosa. Nesta época, o próprio Goethe se sente atraído por uma mulher também casada, e são estes dramas pessoais que estão na origem de *Werther*. Mas o romance é também revelador da sensibilidade do ambiente. *Werther* não cria uma moda, é antes a expressão de um clima, pois os debates sobre o suicídio sensibilizam largamente os meios cultos desde meados do século<sup>73</sup>. No romance concentram-se os principais elementos da estética da juventude de Goethe, a ênfase no sentimento e na expressão imediata da paixão<sup>74</sup>. Pouco tempo após a publicação do romance, Lessing temeu que este pudesse induzir a juventude à imitação, um medo também expresso pelo próprio Goethe, lamentando assim a transformação, por parte das

---

<sup>69</sup> MINOIS, Georges – *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. pp. 120-122.

<sup>70</sup> HUNTER, Elisabeth K. – Between the bridge and the brook: suicide and salvation in England, c. 1550-1650. *Reformation & Renaissance Review*. 15: 3 (2003), p. 243.

<sup>71</sup> MINOIS, Georges – *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. pp.311- 314.

<sup>72</sup> MARTINS, Manuela Fazenda – *A tentativa de suicídio adolescente: da clínica às ciências sociais e humanas*. Porto: Afrontamento, 1990. (Biblioteca das Ciências do Homem). ISBN 972-36-0237-7. p.25.

<sup>73</sup> MINOIS, Georges – *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. p. 331.

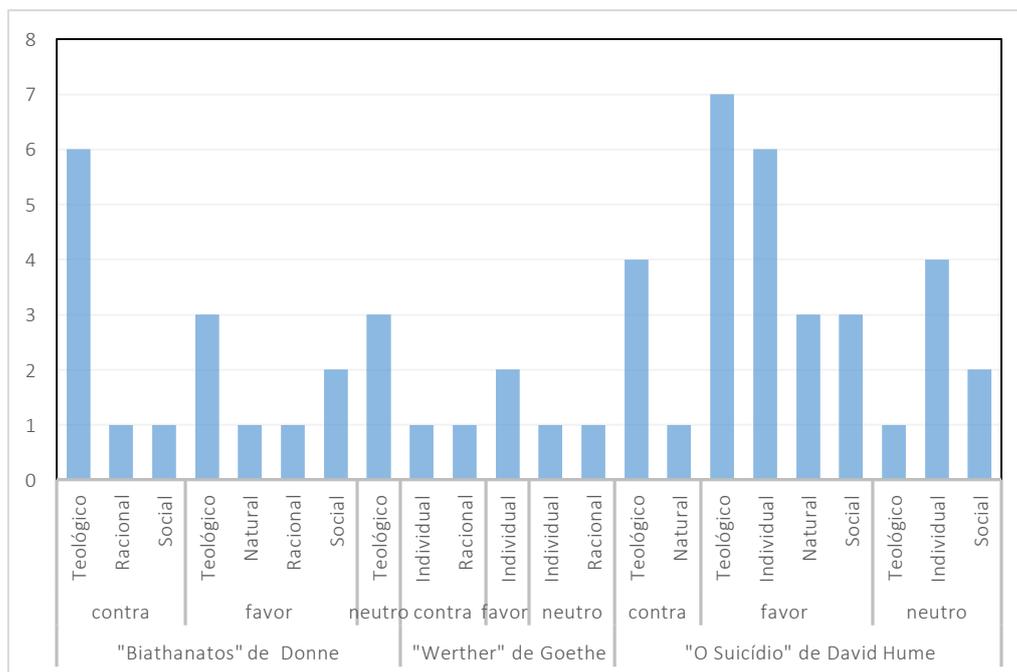
<sup>74</sup> WERLE, Marco Aurélio – Natureza e Sociedade no *Werther* de Goethe. *ArteFilosofia: Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP*. Nº22. Julho de 2017, p. 39.

pessoas, da sua ficção numa realidade<sup>75</sup>. De *Werther*, mais até do que das outras fontes, pode ser retirada uma dupla função/intenção, que se relaciona, primeiro, com o intuito da sua imediata produção, e que podemos caracterizar como de mero intuito literário. Só em segundo lugar surgem outras intenções que lhe foram posteriormente atribuídas pelas autoridades e pela sociedade em geral. Tudo isto conduzirá a que o livro seja proibido em certas regiões. Mas Goethe escreveu um romance e não uma apologia do suicídio. Se as reações contra *Werther* se revelam tão vivas é porque muitos têm a impressão de que o suicídio se tornou um “fenómeno da sociedade” e um flagelo perigoso com o qual não se tem o direito de brincar<sup>76</sup>.

### 3.2. Análise comparativa dos argumentos usados nas fontes

Em ordem a proceder a uma análise mais objetiva, e “quantificável” dos argumentos apresentados pelas fontes analisadas, o gráfico seguinte procura ponderar, comparativamente, o peso dos argumentos mobilizados pelos vários autores em estudo.

Gráfico 1. Comparação dos argumentos usados nas Fontes



Em síntese, e como resultado da análise comparativa das fontes, verificamos que argumentos de natureza teológica são dominantes em *Biathanatos*, de Donne e no

<sup>75</sup> THORSON, Jan & ÖBERG, Per-Arne – Was There a Suicide Epidemic After Goethe’s *Werther*?. *Archives of Suicide Research*. 7: 1 (2003), p.70.

<sup>76</sup> MINOIS, Georges - *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X. p. 332-333.

ensaio *O Suicídio*, de Hume. No ensaio de Hume, os argumentos teológicos mobilizados são mais a favor do que contra. O autor usa-os para desmontar os argumentos tradicionais. Argumentos a favor do suicídio dominam no ensaio de Hume. Em *Biathanatos* são mais numerosos os argumentos contra.

Não há, compreensivelmente, argumentos teológicos no romance *Werther*. *Werther*, por ser um romance, apresenta menos argumentos que as outras fontes, que são, respetivamente, um tratado e um ensaio.

O ensaio de Hume tem o maior número de argumentos de ordem psicológica, (individual), e muitos são comentários do próprio e não referências a outras autoridades.

Em termos da estrutura argumentativa das fontes, e tendo em conta a orientação dos argumentos aduzidos, contabilizam-se 15 argumentos contra, 28 a favor e 12 marcados por uma certa neutralidade.

Quanto à tipologia de argumentos aduzidos, 24 são de natureza teológica, 14 de natureza psicológica, 8 do foro social, 5 de tipo natural e 4 os que poderíamos chamar de “racionais”.

Importa, para além de uma análise estatística, proceder a uma análise de conteúdo das fontes, para o que mobilizaremos alguns extratos textuais. Estes ilustram as tendências estatísticas que apresentamos e justificam as breves conclusões a que por fim chegaremos.

Em *Biathanatos*, de John Donne, uma das personagens afirma: “Azor, como eu disse, e muitos outros fazem do auto-homicídio um exemplo de pecado contra a lei da natureza”<sup>77</sup>. Aqui, Donne faz uma referência a Azor, um jesuíta espanhol que considera pecado o auto-homicídio. Na verdade, a palavra suicídio ainda não existe como conceito. A sua associação ao homicídio autoinfligido é indicativa da carga negativa que lhe é atribuída, mesmo do ponto de vista penal.

Partindo ainda da doutrina dominante, Donne afirma também que “*Sir Thomas Moore diz [que] aqueles que se matam sem darem conta das suas razões a eles [padres e magistrados] devem ser enterrados sem sepultura.*”<sup>78</sup>.

Ainda balizado na ortodoxia vigente, o autor invoca e subscreve o pensamento de Santo Agostinho sobre a matéria, ao afirmar: “*Como Santo Agostinho, nós dizemos (...) que nem para evitar problemas temporais, nem para se remover de outras ocasiões de pecado, nem para punir pecados passados, nem para prevenir futuros, nem em desejo*

---

<sup>77</sup> DONNE, op. cit, ln.1679-1681, p.148.

<sup>78</sup> Idem, ln. 2349-2354, p.83

*da próxima vida, pode ser legal qualquer homem se matar*”<sup>79</sup>. Lembremos que Santo Agostinho permanece, no século XVII, como uma das grandes autoridades sobre o tema do suicídio, tanto para teólogos católicos, como protestantes.

O autor não invoca, na verdade, apenas o pensamento católico, ao incluir também o Calvinismo nos seus referenciais de argumentação: “*Calvino constrói o seu argumento contra o divórcio baseado nisto. Deus fez deles um só corpo, não é em nenhum caso legal um homem destruir o seu próprio corpo*”<sup>80</sup>. Calvino compara o divórcio com o suicídio. Para ele, ambos devem ser condenados, porque são ilegais.

A tradição judaica não escapa à análise de Donne, que afirma que “*Em toda a lei de Moisés não há menção ao auto-homicídio. Ele ensinou o que não devíamos comer, vestir e falar, e ainda assim nada contra isso*”<sup>81</sup>.

Este extrato mostra que Donne faz referências à tradição judaica, para afirmar que esta é tendencialmente omissa no que diz respeito ao suicídio. Assim, tende a apontar para uma perspectiva mais neutra em relação ao mesmo, o que é atestado pela citação seguinte: “*O auto-homicídio não é mais contra a lei da natureza do que qualquer outro pecado*”<sup>82</sup>. Aqui, Donne considera o auto-homicídio igual a outros pecados, em oposição à opinião de muitos da sua época, que o consideram o pior de todos pecados.

Do mesmo modo o faz, retomando a autoridade de Thomas Moore, ao dizer: “*Sir Thomas Moore, (...) diz na “Utopia” que padres e magistrados exortavam os homens afligidos com doenças incuráveis a matarem-se, e que eles eram obedecidos como intérpretes da vontade de Deus*”<sup>83</sup>. Na verdade, na *Utopia*, Tomás Moore defende que há casos em que matar-se pode ser justificado. Muitos podem ver na anterior citação a legitimação da eutanásia.

E, na mesma lógica de contra-argumentação, vai retomar Santo Agostinho, como dissemos, tido como grande autoridade sobre a matéria: “*Mas nem Santo Agostinho nem nós negamos que em casos onde a parte está desinteressada, e apenas ou maioritariamente quando a glória de Deus é respeitada ele pode ser legal*”<sup>84</sup>. Esta citação prende-se com a ideia de que Santo Agostinho aceita certos casos de martírio (uma forma de morte autoinfligida, ou consentida) tida como válidos para a glória de Deus.

---

<sup>79</sup> Idem, ln.2887- 2893, p.102.

<sup>80</sup> Idem, ln.3641-3644, p. 129.

<sup>81</sup> Idem, ln.4162-4166, p. 148.

<sup>82</sup> Idem, ln.1613-1614, p. 57.

<sup>83</sup> Idem, ln.2349-2352, p. 83.

<sup>84</sup> Idem, ln.2893-2896, p.102.

Este mesmo jogo argumentativo contra e a favor do suicídio é possível ser aferido a partir da análise do breve ensaio de David Hume, *O Suicídio*. Aqui, o autor retoma, em estratos sucessivos, argumentos aduzidos contra o suicídio, sem necessariamente a eles se associar:

*“[É] considerada uma violação do direito divino que os homens disponham de suas próprias vidas”<sup>85</sup>.*

*“É ímpio, diz a superstição europeia moderna, pôr fim à própria vida e revoltar-se contra o nosso Criador”<sup>86</sup>.*

*“Tão grande é o nosso medo da morte que quando ela se apresenta proporciona temor e domina nossa fraca coragem”<sup>87</sup>.*

Estes constituem claros argumentos contra, por o suicídio ser entendido como uma violação do direito divino, por ser ímpio revoltar-se contra o Criador. Entenda-se que esta não é a opinião de Hume, mas apenas o enumerar das ideias tradicionais e vigentes na sua época e na teologia cristã. Outro argumento aduzido é, claro, o medo da morte.

Outros argumentos são considerados neutros por se apresentarem sob a forma de perguntas, mas não deixam de ser provocatórios para a época, e por isso incentivam a formulação de dúvidas sobre a condenação do suicídio. Veja-se, a título de exemplo:

*“Seria talvez porque a vida humana tem tanta importância que se considera uma presunção da parte da prudência humana dispor dela?”<sup>88</sup>.*

*“Que há de criminoso, então, em desviar algumas gotas de sangue dos seus canais naturais?”<sup>89</sup>.*

Como se atestou pela análise estatística efetuada a esta obra, maioritariamente os argumentos aduzidos por este autor pretendem desculpabilizar o suicídio. O elenco seguinte prova-o. O autor começa por afirmar que, como pensavam os filósofos antigos (talvez os estoicos), ao suicídio não deve ser atribuído culpa ou censura.

*“Permitam-me tentar aqui restituir aos homens sua liberdade natural, examinando todos os argumentos comumente apresentados contra o suicídio, e mostrar*

---

<sup>85</sup> HUME, op. cit., p. 37.

<sup>86</sup> Idem, p. 40.

<sup>87</sup> Idem, p. 33.

<sup>88</sup> Idem, p. 37.

<sup>89</sup> Idem, p. 38.

*que esta ação, conforme já pensavam todos os filósofos antigos, pode ser considerada livre de qualquer atribuição de culpa ou censura*"<sup>90</sup>.

A citação seguinte mostra que Hume contrapõe a sua própria opinião aos argumentos teológicos, na verdade expressa de forma perentória: "*Afirmaremos que o Todo Poderoso reservou a si mesmo, de uma maneira particular, o direito de dispor da vida humana, e que não submeteu este evento às leis gerais que governam o universo? Isto é manifestamente falso*"<sup>91</sup>.

As suas visões incluem a consideração de perspectivas deístas "*a vida humana depende das leis gerais da matéria e do movimento, e que não constitui nenhuma intromissão no domínio da providência*"<sup>92</sup>. Mas também as de natureza cósmica, comparando a vida humana à de outras formas da natureza: "*A vida de um homem, contudo, não tem maior importância para o universo que a vida de uma ostra*"<sup>93</sup>. A insignificância da vida humana constitui-se, assim, em argumento favorável à sua extinção, sem consequências para os planos cósmicos ou divinos.

Hume não deixa ainda de considerar argumentos sociais, ao afirmar que "*Um homem que se retira da vida não causa mal algum à sociedade; ele apenas deixa de lhe fazer o bem*"<sup>94</sup>. Estes são, porém, minoritários quando comparados com argumentos de natureza teológica

Finalmente, a questão da eutanásia e a consideração de que é legítimo o suicídio quando a vida é um fardo, e causa sofrimento, emerge também da obra de Hume: "*Ninguém que reconheça que a idade, as doenças ou a má fortuna podem transformar a vida num fardo e torná-la até pior que a aniquilação, pode duvidar que o suicídio muitas vezes seja compatível com o interesse e com o dever para com nós mesmos*"<sup>95</sup>.

Em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, a doença está também presente como elemento que conduz a interrogações sobre o caráter justificado do suicídio, sendo a postura do autor claramente contrária: "*Podes acaso exigir de um infeliz cuja vida se extingue lentamente, minada por incurável enfermidade, podes exigir dele que ponha termo ao seu sofrimento com uma punhalada?*"<sup>96</sup>.

A questão da loucura é também invocada: "*Tão inconcebível me parece haver um*

---

<sup>90</sup> Idem, p. 33.

<sup>91</sup> Idem, p. 36

<sup>92</sup> Idem, p. 37.

<sup>93</sup> Idem, p. 37

<sup>94</sup> Idem, p. 42.

<sup>95</sup> Idem, p. 44.

<sup>96</sup> GOETHE, op. cit, p. 45-46.

*homem tão louco que dê um tiro nos miolos, que só pensar nisso me horroriza*"<sup>97</sup>.

A questão da cobardia emerge também, considerando-se que é mais fácil morrer que suportar uma vida de tormentos: "*não tens razão quando comparas o suicídio com as ações heroicas e grandiosas, por isso que o suicídio só pode ser considerado como uma cobardia, é mais fácil morrer do que suportar com coragem uma vida cheia de tormentos*"<sup>98</sup>.

As questões dos limites da natureza humana e do sofrimento são também invocadas, porém, em contraponto:

*"A Natureza humana tem os seus limites, pode suportar, até um certo grau, a alegria, a dor, a tristeza, se ultrapassa esse grau, a natureza sucumbe. É tão desassisado qualificar de covarde o homem que se suicida como chamá-lo ao que morre de uma febre maligna*"<sup>99</sup>.

A ponderação dos argumentos contra, a favor ou neutros em cada um dos autores estudados fica assim fundamentada a partir das suas obras e das suas próprias palavras, sendo claro que nenhum deles postula uma posição de absoluta concordância e validação ou de absoluta negação da sua legitimidade ou, pelo menos, compreensão. A necessidade de se adiantarem, sempre, pressupostos teóricos ou doutrinários da ortodoxia vigente (política, social e religiosa) torna-se compreensível à luz dos contextos históricos conhecidos e da existência de um ativo controlo ideológico e doutrinário por parte dos poderes instituídos. Mesmo que esses sejam invocados para os contraditar...

## **Conclusões**

Para concluir, poder-se-á afirmar que, por existir um estigma social associado ao suicídio, que leva a que este surja como um tabu, esta é motivação suficiente para este ser objeto de um trabalho académico. Assim, diríamos mesmo, do ponto de vista académico, um assunto impertinente pode ser da maior pertinência científica. Acresce que, no caso do suicídio, o tema é extremamente relevante por estar relacionado com a Psicologia, o Direito penal, a Demografia, a Teologia, a Literatura, a Medicina, a Psiquiatria e a Sociologia.

---

<sup>97</sup> Idem, p. 48.

<sup>98</sup> Idem, p. 49.

<sup>99</sup> Idem, p. 50.

Através da análise empreendida, compreendeu-se que os argumentos teológicos são dominantes nas fontes que constituem tratados e ensaios (Donne e Hume). Estes são referidos seja para afirmar, seja para refutar a legitimidade do suicídio. Isso acontece também por ser no âmbito da Teologia que o suicídio é mais discutido durante o Antigo Regime.

Do mesmo modo, encontra-se também pensamento normativo nas fontes, em particular de natureza eclesiástica, apesar de, de certa forma, de um modo ou de outro, os autores o questionarem. Assim, as fontes analisadas não expõem o ponto de vista maioritário da época em que foram produzidas, sendo deste modo fortemente condenadas pela sociedade envolvente. Isso indica um desfasamento entre o pensamento inculcado por algumas fontes, de charneira no seu tempo, e o pensamento porventura dominante entre o seu público. Por esta razão, não constitui, de todo, um espanto o facto de os autores do tratado e ensaio em análise terem decidido não os publicarem. Isto não significa que as fontes escolhidas façam uma apologia do suicídio, mas ao não condenarem explicitamente esse ato, já realizam uma rutura com o pensamento dominante na sua sociedade.

De igual forma, a análise das fontes valida a hipótese sugerida pela bibliografia, segundo a qual há uma “secularização do suicídio” ao longo da época moderna. A ideia de insanidade tende a substituir a de pecado. Mas tal não acontece de maneira linear, e do dia para a noite. Torna-se evidente que o pensamento já não é o mesmo em 1800, quando comparado com o que era em 1500, pelo menos, no que às elites instruídas diz respeito. Algo vai mudando, mesmo que paulatinamente, no abordar da questão do suicídio. No início deste período há claramente o domínio da Teologia e das questões folclóricas associadas ao demónio, na maneira como a sociedade do Antigo Regime reage perante o fenómeno. Se, no Antigo Regime prevalecem as inúmeras acusações de possessões demoníacas a serem dirigidas aos suicidas, posteriormente, e ainda que não se possa afirmar que estas acusações desapareçam totalmente, com a passagem dos séculos e o aproximar do fim daquilo que se convencionou apelidar de Antigo Regime, elas vão sendo, cada vez mais, permutadas pelos argumentos filosóficos e médicos no momento de analisar o suicídio.

Assim, a questão da doença/psicologia/loucura como fator de suicídio também é tratada nas fontes, ainda que de forma comparativamente menos expressiva.

Mais complicado é o estudo deste tema para Portugal, por limitações impostas pelas fontes, e também devido ao facto de o tema ser muito pouco estudado em

Portugal, no que se refere ao período moderno. A temática tende, de facto, a ser omitida pela sociedade, embora, em História, por vezes, os silêncios sejam também reveladores.

Finalmente, espera-se que este trabalho permita chamar a atenção para a premente realização de uma síntese geral sobre o suicídio em Portugal na Época Moderna, na linha do que existe em outros países europeus. Assim, esperamos, com este pequeno trabalho, dar um contributo para a comunidade académica, ao fazer notar que esta é uma temática pouco ou nada abordada pela historiografia portuguesa e que precisa de ser estudada de maneira mais aprofundada.

Por fim, importa salientar, com Michael MacDonald, que, se a História do Suicídio não nos revela tudo o que precisamos saber sobre as mudanças sociais e culturais ocorridas ao longo dos tempos, ela pode, sem dúvida, ser responsável pela criação de novas perspetivas. Só isto deve ser razão, mais que suficiente, para despertar nos historiadores pelo menos o mesmo interesse que desperta nos sociólogos. Este é, sem dúvida, um tema candente, que importa tomar em mãos e aprofundar, até pela capacidade que tem para promover um profundo debate sobre códigos de comportamento, valores éticos, religião, racionalismo, psicologia coletiva e orientações individuais.

## **Fontes**

### **Fontes Manuscritas**

ANTT, Documentos em Chinês, Chapas sínicas, T 986 (Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6068304>)

ANTT, Feitos Findos, Processos-Crime, Letra I, J, mç. 195, n.º 51, cx. 522 (Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4265902>)

ANTT, Juízo Crime de Bairros, Bairro de Santa Isabel, mç. 44, n.º 29 (Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4716925>)

ANTT, Feitos Findos, Processos-Crime, Letra L, mç. 16, n.º 43, cx. 39 (Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4270240>)

ANTT, Feitos Findos, Processos-Crime, Letra G, mç. 10, n.º 34-B, cx. 29 (Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4260168>)

## Fontes Impressas

PII X PONTIFICIS MAXIMI – *CODEX IURIS CANONICI*. TYPOGRAFY PONTIFICII. MCMXVIII. (Código canónico de 1917, impreso em latim em 1918).

REV. STANISLAUS WOYWOD, O.F.M. – *THE NEW CANON LAW*, New York: Joseph F. Wagner, (Inc.). 1918. (código canónico de 1917, versão em Inglês).

Papa João Paulo II – *Código de Direito*. Braga: Conferência Episcopal Portuguesa. 4<sup>a</sup> edição revista. Versão Portuguesa. 1995. ISBN 978-972-39-0098-9. (código canónico de 1983).

DONNE, John. – *Biathanatos: A Modern-Spelling Edition, With Introduction and Commentary*. ed. Rudick, Michael and M. Pabst Battin. New York and London: Garland Publishing, 1982. [inclui texto original de: DONNE, John. *Biathanatos*. 1608]. Impresso originalmente em 1647 – obra póstuma publicada pelo seu filho.

GOETHE, Johann Wolfgang von – *Werther*. Trad. João Teodoro Monteiro. Lisboa: Abril Controljornal, 2000. (Biblioteca visão). ISBN 972-611-645-7. [Publicação original de: GOETHE, Johann Wolfgang von - *Die Leiden des jungen Werthers*.1774].

HUME, David – *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. trad. Daniel Swoboda Murialdo, Davi de Souza, Jaimir Conte. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção filosofia). 84 p. ISBN 85-7429-558-2. [Publicação original de: HUME, David - *Essays on suicide, and the immortality of the soul*. published at London first in 1777 as 'Two essays'.] publicado postumamente em 1776.

## Bibliografia

ALMEIDA, Ana Filipa – Efeito de Werther. *Análise Psicológica*. 1 (XVIII) (2000). p. 37-51.

BÄHR, Andreas – Between “Self-Murder” and “Suicide”: The Modern Etymology of Self-Killing. *Journal of Social History*. vol. 49 n° 3 (2013), p. 620-632.

BAYET, Albert – *Le suicide et la morale*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922. (Bibliothèque de philosophie contemporaine)

CAEIRO, Vânia Sofia Rosa – *Sui caedes: morte voluntária*. Porto: Edição do Autor, 2010.

CAMUS, Albert – *Le mythe de Sisyphe*. Nouv. ed. augm. d'une étude sur Franz Kafka. Paris: Gallimard, [imp. 1957].

CLARE, Jane – Buried in Open Fields: Early Modern Suicide and the case of Ofelia. *Journal of Early Modern Studies*. n.º 2 (2013), p. 241-252.

DURKHEIM, Émile – *Le suicide: étude de sociologie*. Paris: Presses Universitaires, 1979. (Bibliothèque de philosophie contemporaine). ISBN 2-13-036170-6.

FERREIRA, Susana Gaudêncio – *Razões para viver em diferentes grupos etários: relações com a espiritualidade, religiosidade, perdão e bem-estar subjetivo*. Porto: [Edição do Autor], 2013.

FOUCAULT, Michel – *Histoire de la folie a l'âge classique*. Paris: Gallimard, imp. 1987.

FREITAS, Eduardo de – O suicídio em Portugal no século XX: elementos empíricos para uma pesquisa. *Finisterra*, XVII. 34, Lisboa, (1982), p.267-300.

HALÍK, Thomás; GRÜN, Anselm – *O Abandono de Deus: Quando a crença e a descrença se abraçam*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016. ISBN 978-989-673-567-8.

HOUSTON, R. A. – *Punishing the Dead? Suicide, Lordship and Community in Britain, 1500-1830*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HOUSTON, R. A. – Madness and gender in the long eighteenth century. *Social History*. 27: 3 (2002), p. 309-326.

HUNTER, Elisabeth K. – Between the bridge and the brook: suicide and salvation in England, c. 1550-1650. *Reformation & Renaissance Review*. 15: 3 (2003), p. 237-257.

KÄSTNER, Alexander – Saving Self-Murderers: Lifesaving programs and the Treatment of Suicides in Late Eighteenth-Century Europe. *Journal of Social History*. vol. 46 nº3 (2013), p. 633-650.

MacDONALD, Michael – The Secularization of Suicide in England, 1660-1800. *Past & Present* 111 (1986): p. 50-100.

MACHADO, António Ferreira – *Suicídios e suas tentativas no Pôrto: estatística (1900-1915)*. Porto: [s.n.], 1919. Tese inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto.

MARTINS, Manuela Fazenda – *A tentativa de suicídio adolescente: da clínica às ciências sociais e humanas*. Porto: Afrontamento, 1990. (Biblioteca das Ciências do Homem). ISBN 972-36-0237-7.

MINOIS, Georges – *História do suicídio: a sociedade ocidental perante a morte voluntária*. Lisboa: Editorial Teorema, imp 1998. (Teorema). ISBN 972-695-343-X.

*O gesto suicida na Área Metropolitana do Porto: um estado de "alma" e de "tempo"*. [S.n.: s.l.], 1999.

ORTOLANI, Marc – Les procès à cadavre des suicidés à la fin de l’Ancien Régime. Deux exemples provinciaux. *Historia et ius: Rivista di storia giuridica dell’età medievale e moderna*. 10 (2016), paper 10. ISSN 2279-7416.

PARAVICINI, Werner – Un Suicide à la cour de Bourgogne: Roland Pippe. *Revue du Nord*. n.º 380 (2009), p. 385-420.

SARAIVA, Carlos Braz – *Para-suicídio: contributo para uma compreensão clínica dos comportamentos suicidários recorrentes*. Coimbra: Quarteto, 1999. (Teses). ISBN 972-8535-00-7.

SCHRAGE, Eltjo – Suicide in Canon Law. *The Journal of Legal History*. vol. 21, nº1 (2000), p. 57-62.

TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar – *A recepção portuguesa de Die Leiden des jungen Werthers: (de 1784 até finais do primeiro romantismo)*. Coimbra: Minerva, 2009. ISBN 978-972-798-254-7.

THORSON, Jan & ÖBERG, Per-Arne – Was There a Suicide Epidemic After Goethe’s Werther?. *Archives of Suicide Research*. 7: 1 (2003), p. 69-72.

VALLE, José Machado do – *O suicídio*. Porto: Typographia Occidental, 1881. Dissertação inaugural apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto.

VIEGAS, José Ferreira – *O suicidio livre em face da religião, da moral e da sociedade*. Porto: [s.n.], 1901. Dissertação apresentada à Escola Médico Cirurgica do Porto.

WATT, Jeffrey R. – *Choosing Death: Suicide and Calvinism in Early Modern Geneva*. Kirksville: Truman State University Press, 2001.

WATT, Jeffrey R., ed. – *From Sin to Insanity: suicide in Early Modern Europe*. Ithaca: Cornell University Press, 2004.

BATISTA, Cristiano – O Suicídio na Europa da Época Moderna: perspectivas cruzadas. In *Omni Tempore: atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. p. 376-402.

WERLE, Marco Aurélio – Natureza e Sociedade no Werther de Goethe. *ArteFilosofia: Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP*. Nº22, Julho de 2017, p. 39-49.